

SENTIDOS DA METAFÍSICA NA POESIA MODERNISTA BRASILEIRA

Alexandre de Melo Andrade*

 <https://orcid.org/0000-0002-8467-607X>

Como citar este artigo: ANDRADE, A. de M. Sentidos da metafísica na poesia modernista brasileira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT17663>

Submissão: 11 de janeiro de 2025. **Aceite:** 17 de junho de 2025.

Resumo: No final dos anos 1920, surgiram no Brasil vários poetas metafísicos, irmanados pela mística criadora e por uma perspectiva existencial de regresso ao sagrado. Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima são os nomes mais conhecidos desse grupo, embora vários outros poetas estivessem presentes nesse contexto, como Murilo Araújo e Gilka Machado. A proposta deste artigo é discutir essa produção de poesia metafísica em pleno desenvolvimento do Modernismo, tendo como norte principalmente o pensamento e a poesia de Tasso da Silveira, importante divulgador da nova corrente.

Palavras-chave: Poesia metafísica. Modernismo. Tasso da Silveira. Mística criadora. Sagrado.

* Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil. E-mail: ale1976@academico.ufs.br

■ Não nos é estranha a ideia de que se desenvolveu, no movimento modernista brasileiro, uma geração de escritores metafísicos, comprometidos com a mística transformadora e o sentimento religioso da intuição divina. Ao tratar da poesia brasileira depois da fase heroica representada pela primeira geração, Alfredo Bosi (2006) faz alusão ao surgimento de temáticas novas, sendo uma dela voltada para questões políticas, e outra religiosa, representada principalmente por Murilo Mendes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt e Cecília Meireles. Ainda que haja estudos significativos que compreendam as especificidades desses poetas, o sentido da metafísica que une esse grupo não é discutido de modo vertical pela crítica, normalmente mais dedicada aos aspectos inovadores e progressistas do movimento.

Ana Maria Lisboa de Mello (2009, p. 25, grifo da autora), ao organizar uma coletânea de textos sobre *A poesia metafísica no Brasil*, faz referência justamente à escassez de estudos sobre literatura e metafísica:

No Brasil, a valorização dos poetas cujos temas preferidos são os problemas sociais brasileiros faz com que haja uma fortuna crítica ainda precária sobre a poesia de tendência intimista, religiosa, metafísica. Por isso, há poucos estudos sobre a poesia romântica da segunda geração, centrada no sujeito; sobre a produção dos simbolistas, que buscam diálogo com os poetas franceses (Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, Verlaine); sobre a poesia do grupo reunido em torno da Revista Festa, na década de 1920; sobre os poetas de 30, que evocam estados de alma, com forças inconscientes, surgidas no sonho e na imaginação; enfim, sobre a poesia de perquirição existencial e religiosa.

Conforme poderemos constatar, a problemática social não fica distante da vertente metafísica; em Murilo Mendes, por exemplo, é impossível separar a denúncia social do caráter místico, tendo em vista que seu ascetismo surge exatamente como antípoda das mazelas do mundo material. Se, por um lado, a metafísica aflora, na poesia lírica, o visionarismo contemplativo da atitude poética, favorece, por outro lado, o engajamento do poeta e seu ressentimento com uma realidade decadente e aprisionada por valores que estariam à margem das fontes seminais da existência.

Cabem, a princípio, breves discussões a respeito da metafísica, que é tema recorrente na tradição filosófica. Em um dos estudos mais antigos desse tema, Aristóteles (2012) aproximava a metafísica da arte poética, defendendo que os artistas conhecem as causas, o que garante que a arte seja caracterizada pela sua universalidade. Arte e ciência se aproximam na medida em que a ciência se ocupe da compreensão dos inícios; o interesse pelo geral levaria ao conhecimento do particular, em um movimento entre o todo e a parte. O interesse aristotélico pela natureza advém justamente dessa premissa. A essa atitude investigativa o filósofo chama de metafísica, que é compreendida, assim, como a “ciência que estuda o *ser* como *ser* e as propriedades que lhe são inerentes devido à sua própria natureza” (Aristóteles, 2012, p. 105, grifo do autor). Por “princípio” Aristóteles (2012, p. 131) entende “a parte de alguma coisa da qual se pode empreender o primeiro movimento”, identificado pelo seu caráter de simplicidade e de beleza. A substância, como elemento inaugural, é desprovida de predicados; sua uniformidade não é complexa, mas una, simples e bela, conforme se vê mais detidamente no Livro 14 de *Metafísica*.

A aproximação entre metafísica e origem das coisas é defesa primordial de Giambattista Vico, na primeira metade do século XVIII, no contexto iluminista.

Para o filósofo, os poetas pertencem à teologia mística no sentido de serem intérpretes dos deuses, tendo sido responsáveis, inclusive, pela criação de uma religião para os pagãos. Dessa forma, a linguagem poética poderia ser considerada um meio de conhecimento da Antiguidade, sem as intermediações das abstrações e dos conhecimentos teóricos; ou seja, a sabedoria poética consistiria em uma metafísica não refletida como a dos instruídos, mas no espanto diante das coisas. Ao aproximar o poeta da origem dos fenômenos, Vico (2008) associa a elaboração poética à atitude infantil. O poeta, ao ser dotado de uma natureza pueril, compreende o mundo pela sua imaginação; já o filósofo busca o entendimento por meio da razão e do pensamento reflexivo:

[...] as crianças são poderosamente capazes na imitação; a poesia nada mais é do que a imitação; as artes são a imitação da natureza; em consequência, as poesias em certo modo são reais. Por isso, os primeiros povos que foram as crianças do gênero humano, criaram primeiro o mundo das artes; depois os filósofos que vieram muito depois, portanto, os velhos das nações, criaram o mundo das ciências. Assim ficou a humanidade realmente completa (Vico, 2008, p. 83).

Martin Heidegger (1983) igualmente compreende os filósofos como aqueles que põem a metafísica em marcha, sobrepondo os aspectos originais da existência com as abstrações do conhecimento e da teoria. Para o autor de *Ser e tempo*, “Metafísica é o perguntar além do ente para recuperá-lo, enquanto tal e em sua totalidade, para a compreensão” (Heidegger, 1983, p. 43). A metafísica, assim, é impulso que ultrapassa o ente, o que condiz com o sentido da transcendência, normalmente associada a um outro modo de absorção do conhecimento, indo além do visível e do tangível. Heidegger se interessa pelos princípios, pelo que está na origem, o que o afasta consideravelmente da dialética hegeliana, mais voltada para o devir histórico. Assim como Vico, o filósofo alemão entende a linguagem poética como a que mais se aproxima da origem, pois o poeta, ao romper com a lógica conceitual, perfura as camadas do conhecimento teórico e imerge em uma rede imagética que desvela aspectos seminais da natureza, do mundo e do ser. A poesia teria, assim, algo de sagrado, pois seria portadora de traços da origem perdida; sua forma e seu processo se dariam na abertura do passado, na desconstrução e no desvelamento da origem.

A metafísica, no modo como é apresentada nesses e em outros pensadores, parte de um ponto substancial que antecede a racionalização e é, por isso, revelação da natureza universal. A poesia, em diálogo com as formas primordiais, seria um modo de expressão dessa natureza, o que lhe confere aproximação com o divino. Leibniz (2009, p. 96) produziu uma série de discursos sobre a metafísica, compreendendo-a como a presença de Deus na interioridade humana, como luz contínua e eterna; assim, “dentro do rigor da verdade metafísica, não existe causa externa que atue sobre nós, exceto Deus; e somente ele se comunica imediatamente conosco, em virtude de nossa dependência contínua”.

Na estética romântica, a criação de novas mitologias, como a da “Flor Azul”, de Novalis, e a negação do tempo presente em virtude da atração pelo passado e pelas realidades imaginárias, provoca uma relação entre poesia e filosofia de forma deliberada e profícua, da qual o Romantismo alemão é amplamente caudatário. Desvelando aspectos do sonho, da imaginação e do inconsciente, os românticos estariam mais próximos da fonte, das realidades originárias. No Brasil, o transcendentalismo de Álvares de Azevedo, especialmente na primeira parte

da sua *Lira dos vinte anos*, com toda sua imagética das formas angelicais – projetadas na natureza e na figura feminina – representou o principal elo brasileiro com o Romantismo europeu e um impulso da metafísica nacional, fonte de inspiração para as poéticas modernas. O Simbolismo, radicalizando a tendência intimista e mística, encontrou porto seguro em Cruz e Souza, que tensiona os aspectos da decadência do mundo material e a transcendência mística, no registro da ânsia pelo absoluto e pelo atravessamento das opressões carnis.

Em 1927, em plena disseminação das ideias progressistas e nacionalistas do movimento modernista, surge uma importante revista que, a despeito de ter ficado à margem do principal campo de ideias artístico-culturais da época, agregou um importante grupo de intelectuais e artistas que propuseram um resgate dos principais veios da metafísica tradicional. Entre 1927 e 1929, a *Festa* teve sua primeira fase, tendo produzido 13 números; entre 1934 e 1935, o grupo produziu, na segunda fase do periódico, nove números. A primeira fase pode ser encontrada em versão fac-similada, publicada em 1980, sob planejamento e editoração de Mário Camarinha da Silva e Lúcio de Abreu; as duas fases podem ser acessadas nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A princípio, três nomes foram responsáveis pela organização do material e pela discussão das ideias do grupo: Tasso da Silveira, Andrade Muricy e Cecília Meireles. Ao rememorar os colaboradores da *Festa*, Mário Camarinha da Silva (1980, p. 21) informa que “Dentre eles destaca-se Cecília Meireles, que participou das atividades do grupo. A começar pela criação da revista, feita naquelas reuniões em sua casa, no Estácio”.

Festa se tornou um elemento catalisador de ideologias universalistas, em oposição ao nacionalismo localista do grupo paulista. Gravitavam em torno do grupo ideias como: revalorização da tradição; exploração de uma mística criadora; entendimento da arte como manifestação do sentimento do eterno; universalismo; espiritualismo; reinterpretação do movimento modernista à luz da renovação, e não da revolução. Na visão do grupo, o Modernismo brasileiro se disseminava em três tendências: a primeira, em torno do grupo paulista, pautada no primitivismo dos artistas paulistas; a segunda, enviesada pelo objetivismo dinâmico de Graça Aranha; e a terceira, representada pelo grupo da *Festa*, que traz o elemento espiritual, a corrente de significado místico.

Nessa perspectiva, há uma variedade de textos doutrinários reunidos na *Festa* que discutem os valores do que seus idealizadores consideram uma nova visão crítica do Modernismo. Há, nesses textos, discussões sobre movimentos literários que consideravam fundadores da espiritualidade nacional. O Romantismo aparece, então, como estética dos ritmos universais, que eleva a paisagem nacional a uma condição cósmica que ultrapassa o regionalismo estrito. Várias menções são feitas ao Simbolismo, principalmente em texto publicado no número 3 da primeira fase, da autoria de Tasso da Silveira. O poeta e ensaísta afirma que os simbolistas “representam um dos nexos profundos de nossa tradição espiritual” (Silveira, 1980a, p. 9), tendo revelado dois grandes nomes: Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens. Tasso da Silveira (1971, p. 122-123), inclusive, cita Cruz e Souza como um dos escritores que lhe exerceram fascínio, o que se justifica “pela perfeita transfiguração, que sua poesia opera, do mais carnal, humano, humilde sofrimento em pura heroicidade idealista, isto por instrumento de um verbo ultra-potente”. O movimento da *Festa* ficou conhecido como neossimbolista pela continuidade das proposituras metafísicas do grupo.

Os escritores que surgiram em torno dessa mística criadora tiveram sua produção literária marcada pelos princípios norteadores do movimento, embora com maior ou menor aproximação com o grupo *Festa*. Cecília Meireles, Jorge de Lima e Murilo Mendes são os nomes mais proeminentes dessa geração. A autora do *Romanceiro da Inconfidência* contribuiu, logo no primeiro número da revista, com cinco poemas; Lima contribuiu com três (dois na primeira fase e um na segunda); e Mendes com um poema na segunda fase. Inúmeros outros poetas, ainda à margem dos olhares dos leitores, tiveram destaque no periódico, como Murilo Araújo, Gilka Machado, Abgar Renault, Wellington Brandão e Henrique Abílio. O próprio Tasso da Silveira, que publicou vários poemas na revista e teve uma significativa produção poética em livros e antologias, é raramente lembrado como poeta modernista, tendo sido um pouco mais reconhecido pela sua obra ensaística.

Em Tasso da Silveira, encontramos a concentração das ideias metafísicas e místicas do grupo modernista, disseminadas nos seus ensaios, publicados na *Festa* e em outros suplementos. Toda discussão teórica da poesia metafísica brasileira do século XX deve, necessariamente, passar pelos textos críticos de Silveira, principalmente reunidos no *Diálogo com as raízes* (1971) e *O sentido da tradição* (2022). Entendendo a metafísica como a “faculdade pela qual a inteligência apreende os nexos profundos das coisas” (Silveira, 2022, p. 101), o ensaísta nos informa, em praticamente toda a sua obra crítica, que é da natureza da poesia a manifestação dessas perspectivas profundas da existência, pois

A poesia, ou, antes, a arte, é uma plenitude, uma totalização. Abrange toda a esfera do ser e da existência. Pois sendo a reveladora do mistério da individualidade [...] é também a reveladora dos destinos superiores do homem e, acima de tudo, a reveladora de Deus (p. 109).

Assim, “O poeta é, sem dúvida, o salmista. Porque é o que canta, em Deus, a realidade total” (Silveira, 2022, p. 154).

Reagindo contra o naturalismo e o positivismo, Tasso da Silveira dialoga com vultos da tradição, como Tagore, pela sua contemplação do mistério; Verhaeren, detentor de profundos apelos à ação e à luta; Whitman (que Tasso traduziu abundantemente), com seus ritmos inumeráveis e sua infinita liberdade; Antero de Quental, com sua angústia metafísica; Verlaine, com sua capacidade de apreensão da solidão e da musicalidade; Emiliano, pela projeção que nele se percebe da poesia simbolista francesa; Gertrud von Le Fort, por sua profunda relação com Cristo e com a Igreja; Dostoiévski, para falar da prosa, a quem admirava pela sua sensibilidade artística, moral e religiosa. Ao referir-se à poesia de Tasso da Silveira, Leodegário de Azevedo (2003, p. 12-13) diz: “A sua poesia, de influxo filosófico e religioso, marcada por traços expressionais e de herança barroca, reflete uma espécie de dualismo conflitual entre a carne e o espírito, sendo a um tempo sensual e mística”. E mais adiante:

A sua cosmovisão poética, portanto, está diretamente vinculada a uma concepção totalista da vida, envolvendo o mundo material e o mundo extraterrestre, não raro interpenetrando-os, numa realização angustiadamente barroca. Não despreza os prazeres da vida, mas tem os olhos voltados para Deus (Azevedo, 2003, p. 17).

A poesia, segundo nos diz Silveira, agrega os mistérios do indivíduo e do ser, que se transfiguram na beleza do verbo, iluminando a palavra e realizando o

ascetismo religioso. Ao lado de Cruz e Souza, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima, Tasso da Silveira é um dos grandes nomes da poesia metafísica brasileira.

O poema “Presença”, do livro *Retorno à origem*, conjuga alguns dos aspectos fundantes da poesia de Tasso da Silveira (2003, p. 229):

*Que havia em mim, meu Deus, antes da vida,
que me deixou a nostalgia obscura,
o desejo insaciado, a indefinida
ânsia de quem perdeu, e ainda procura?*

*Talvez seja tudo isto sede impura
do não-ser na alma trêmula, esquecida
de que a formaste para a imensa lida,
o amor profundo, a eterna formosura.*

*Ou talvez seja a pálida, intranquila
saudade da hora – a arder na arcada rude
da alma como uma lâmpada suspensa –
em que, para animar-me a pobre argila,
tu me deste, Senhor, a plenitude
de tua sacratíssima presença.*

O poema deixa nítida a contradição entre a vida terrena, que, em consonância com a poesia ascética barroca e a simbolista, é vista como cárcere, e a sensação de presença do eterno e do sagrado. Por um lado, angústia; por outro, transcendência. O sujeito poético, erguendo a voz a Deus, indaga sobre a sensação de incompletude inerente ao mundo terreno, vendo-se como um peregrino a buscar pela sua origem, por aquilo que o antecede. As expressões “nostalgia obscura”, “desejo insaciado”, “indefinida ânsia”, “sede impura”, “alma trêmula, esquecida” e “arcada rude” opõem-se a “amor profundo”, “eterna formosura”, “lâmpada suspensa”, “plenitude” e “sacratíssima presença”, fazendo soar no poema o conflito do poeta diante de duas realidades distintas. Assim como se vê em Antero de Quental – um dos seus poetas de estima –, a poesia de Tasso da Silveira vislumbra o mistério da eternidade, mas o poeta ainda se vê ancorado em um mundo que limita sua perspectiva moral e espiritual.

O título do livro – *Retorno à origem* – é emblemático no conjunto da sua obra, pois faz alusão a uma poética de regresso, de retorno às realidades para as quais seria necessário caminhar. O sentido do passado é inerente à poesia e ao pensamento crítico de Tasso da Silveira, daí a apologia que faz à tradição. Assim, importa dizer que o escritor valoriza a tradição tanto no que diz respeito às raízes da condição humana quanto no que se refere à tradição artística. Contrariamente ao Modernismo mais radical, que olhava para o futuro, o poeta propunha um modernismo totalista, univiversalista, espiritual, que reabsorve o passado.

Daí decorre certo incômodo do poeta e do grupo *Festa* para com os modernistas de São Paulo, que propagavam uma arte nacionalista de caráter mais localista e menos conservadora. Tasso da Silveira (1980b, p. 8), no segundo número da revista, publicou um texto em que rejeita o aspecto revolucionário do Modernismo de primeira hora e faz apologia à “poesia ultra-dinamista de Cecília Meireles, toda feita de iluminadas névoas espirituais e perfazendo uma conquista de ritmos novos”, à “interrogação ousada de Barreto Filho”, à poesia de Gilka

Machado, “ardente cantora dos desejos arrebatados”, e a toda uma geração nova surgida em torno da *Festa*.

Ainda que Tasso da Silveira transite por formas livres, parte considerável da sua produção poética se manifesta na forma do soneto, como o poema “Presença” nos dá a ver, com seus versos decassílabos e rimas ricas no aspecto gramatical, ao gosto do estilo simbolista. As fortes marcas de assonância e aliteração, no poema, reforçam seu diálogo com a tradição metafísica, cuja musicalidade – também valorizada pelos poetas simbolistas – sugere elevação mística.

O regresso, como mola propulsora da poética silveiriana, intui uma realidade superior, simples, em oposição à complexidade do mundo terreno. Conforme diz o próprio poeta, “A grande crença, iluminada da graça, penetra fundo, sem dúvida, no sentido interior das verdades eternas. Mas a existência terrena é uma fragmentação desse sentido. É a unidade perdida na multiplicidade” (Silveira, 2022, p. 21). Essa caracterização do mundo sensível como complexo e múltiplo, oposto ao mundo divino, visto como simples e uno, reaparece de modo contundente na obra de Murilo Mendes (2001, p. 125), como podemos constatar no “Poema de além-túmulo”, do livro *Poesia liberdade*:

*Deste horizonte estável
Vejo homens e bichos combatendo
Ao mesmo tempo pela guerra e pela paz.
Vejo campos de sangue e ossadas,
Faixas de terror:
Mas vejo essencialmente uma coisa branca,
Um castelo branco e simples
Feito de um só diamante
Que da terra não se vê.*

Situado em um “horizonte estável”, o poeta enxerga duas realidades distintas: uma tingida de “sangue”, com “ossadas” e “Faixas de terror”; outra que é uma “coisa branca, /Um castelo branco e simples/Feito de um só diamante”. A conjunção adversativa “mas” impõe a separação dessas duas visões: a primeira, dos cinco versos iniciais, sinalizada por substantivos no plural, e a segunda, dos quatro versos finais, com expressões no singular. Assim, o poeta acentua a pluralidade do mundo, sobreposto pelas diferenças, e a singularidade do sagrado, marcado pela igualdade. O “sangue” é polarizado com o “branco” (que é repetido duas vezes) e as “Faixas de terror” com “um só diamante”.

Assim, a forma sagrada é entrevista pela brancura, pela beleza e pela unidade. O poeta refere-se ao “castelo branco e simples” como um lugar não visto da Terra, mas que pode ser contemplado pelo poeta em seu “horizonte estável”; ou seja, alude ao poeta como um sujeito situado entre dois mundos: aquele ao qual pertence, e que lhe causa angústia, e aquele que contempla com a sua sensibilidade. Estamos, assim, diante da figura do poeta como um visionário – inadaptado ao mundo terreno, mas distante do sagrado que vislumbra. Assim,

A poética muriliana [...] não escapa dos transe do mundo; contrário disso, absorve os acontecimentos do seu tempo, registrando-os nas imagens que fortemente marcam sua obra, tornando-as ainda mais agudas ao confrontá-las com imagens originárias, seminais, anteriores aos gestos da violência e da guerra [...]. Não por acaso o poeta tenha sido compreendido como visionário, como

aquele que anuncia uma outra guerra, fundamentada na superação da multiplicidade e na possibilidade de recuperação da unidade perdida (Andrade, 2022, p. 93).

Na sua “Microdefinição do autor”, que aparece como prefácio ao *Poliedro*, Murilo Mendes (2017, p. 9) diz sentir-se impelido ao trabalho literário pela sua “aversão à tirania [...], à guerra, maior ou menor”, pelo seu “congênito amor à liberdade” e seu “ódio físico-cerebral ao fascismo, ao nazismo e suas ramificações”. O poeta se vê como “bêbado de literatura, religião, artes, música, mitos” e “imbêbado de política, economia, tecnologia” (Mendes, 2017, p. 11). Ao situar-se ao lado das musas e na contramão dos movimentos do mundo utilitário, o poeta revela justamente o enfrentamento de duas realidades díspares; o mundo se torna ainda mais violento quando em contraste com o universo da beleza artística e religiosa.

A obra poética muriliana é uma das representações da vertente metalinguística da poesia mística brasileira; o poeta reflete sobre a própria arte como modo de expressão do paradoxo entre o sagrado e o utilitarismo do mundo material. Dessa perspectiva poética surgem imagens inusitadas e metáforas insólitas, ao gosto da vanguarda surrealista.

Tasso da Silveira e Murilo Mendes incorporam, assim, duas manifestações da poesia metafísica no contexto do Modernismo: de um lado, um visionarismo contemplativo, de outro, um visionarismo engajado. Silveira não faz uma clara exposição do contexto histórico, não registra as cenas de violências do contexto a que pertenceu, preferindo a contemplação divina que pode ser encontrada nas formas da natureza. É notório que, ao considerar o mundo material como lugar inóspito, o poeta provoca uma denúncia das formas opressivas a que a humanidade está submetida, mas operando em uma atmosfera mais existencial, ao gosto dos simbolistas. Já Murilo Mendes (2001, p. 99) escancara as cenas de guerra e de terror, explicitando a barbárie, conforme podemos notar nos versos finais do poema “Choques”, também de *Poesia liberdade*:

*Um ouvido resistente poderia perceber
O choque do tempo contra o altar da eternidade.
Choca-se a enorme multidão sacrificada
Com o ditador sentado na metralhadora.
Choca-se a guilhotina erguida pelo erro dos séculos
Com a pomba mirando a liberdade do horizonte.*

O “altar da eternidade” e “a pomba mirando a liberdade do horizonte” são imagens que contrastam com os elementos bélicos dispostos nos demais versos, evidenciando um lirismo de choque entre a realidade mutilada e a perspectiva religiosa.

A lírica combativa de Murilo Mendes complementa a lírica contemplativa do mesmo contexto, principalmente divulgada na *Festa*; ambas as tendências participam significativamente da produção de poesia metafísica na primeira metade do século XX no Brasil. Da lírica contemplativa, além do destaque dado a Tasso da Silveira, vale mencionar Murilo Araujo, poeta que foi atuante nos vários números da *Festa* e que teve três obras reunidas por Marques Rebêlo em 1960, mas tendo permanecido, desde então, à margem da história da poesia brasileira. O poeta, “cujo estro era arca inesgotável de luzes e pedrarias, cintilante de imagens faustosas” (Rebêlo, 1960, p. 7), trabalhou o verso de forma espontânea,

quase natural, projetando iluminações cromáticas nas imagens que criava, ao gosto de seus colegas de geração, conforme podemos observar no poema “Conchas do mar de luz”:

*Abri as velas que há no sono
ao mar de luz descomunal.
Quantas navegações de assombro
de praia em praia de cristal!
As águas do dia,
diáfanas,
com ilhas claras incandescentes.
Em vez de sereias – anjos!
Marés montantes de melodia.
E, na onda pálida,
as algas rútilas da alegria,
estrelas verdes pelas correntes...
Mas, recém-vindo
dessas viagens,
depois do cruzeiro lindo,
que trouxe afinal ao porto final?
– Nem âmbares de crepúsculos,
nem pérolas de neblinas,
nem cofres de sóis submersos
nas auroras de coral.
Só música e imagens,
conchas
dessas praias de cristal (Araujo, 1960, p. 175).*

Há todo um paisagismo que transita entre o sonho e a realidade, com imagens que remetem às águas, à luz e ao dia, incorporando radiações que se sobrepõem verso a verso, projetadas em cadências rítmicas que recuperam da estética simbolista a esfera cromática e a intensa musicalidade. Murilo Araujo é o poeta das diafaneidades e das imagens oníricas, representante legítimo do lirismo metafísico do grupo formado em torno de Tasso da Silveira, Cecília Meireles e Andrade Muricy.

A visão ascética de Tasso da Silveira (2003, p. 229), muito próxima da que aparece em Murilo Araujo, tenciona elevar-se acima dos traumas do mundo material – local da multiplicidade –, em busca do silêncio em Deus:

SILÊNCIO
*Venha o silêncio unânime, profundo,
o alto, o grave silêncio, venha enfim.
Tombe o silêncio – antigo! – sobre o mundo,
o silêncio coeterno se ergue em mim.
O silêncio de gênese, fecundo,
o silêncio essencial, coeterno sim:
pois do seu puro seio é o ser oriundo,
pois que ele em Deus sempre existiu assim.*

*Porque a vida se fez fragor crescente
de rochedos rolando na vertente
de uma montanha lívida, lunar.*

*E a alma agoniada entrelaçou-se inteira
a absoluta esperança derradeira
de, no silêncio, ainda poder sonhar...*

O silêncio, como princípio (“silêncio de gênese”) e fim (esperança de “no silêncio ainda poder sonhar...”), alude à destinação humana, que, passando pelo “fragor crescente”, pode libertar a “alma agoniada” para que ela reencontre seu “silêncio essencial”. Sendo “antigo”, o silêncio estaria na origem, na eternidade, assimilado ao próprio sopro divino sobre o mundo. Então,

[...] através da estilística do silêncio é que o poeta atinge o ponto mais alto da sua poesia, em busca da contemplação do eterno. Aí, realmente, o efeito da essência profunda, marca de seu lirismo transcendente, atinge a sua plenitude, pois silencia uma espécie de comunicação com Deus, através do sentimento do absoluto (Azevedo, 2003, p. 15).

Toda uma simbologia do silêncio de Deus e da travessia do indivíduo pelo mundo é recorrente na obra de Silveira. Normalmente, Deus é associado à profundidade das águas do mar, e o indivíduo é visto como os ventos que se agitam pelo mundo, até que reencontre a harmonia e a serenidade na ascendência ao sagrado. Nos dois tercetos, há múltiplas recorrências do fonema /r/, que projetam na rede sonora do poema os obstáculos da alma na sua peregrinação pelo mundo físico. Já nos dois quartetos, que evocam o silêncio (“unânime”, “profundo”, “grave”, “antigo”, “coeterno”), há repetição incisiva do fonema fricativo /s/, que reitera justamente a ausência do ruído. As formas consideradas herméticas da poesia são, para Tasso da Silveira, maneiras espontâneas de ordenação do ritmo interno, devendo, por isso, ser perceptíveis pelas leituras mais atentas. Segundo o próprio poeta nos diz, “A palavra que aparece na expressão, com sua substância de sentido, sua sonoridade, seu magnetismo, seu ritmo, é a mesma palavra que pulsou no seu verbo interior antes de ele exprimir-se” (Silveira, 1971, p. 110). Como intérprete de outros poetas, Silveira valorizou sobremaneira as minúcias estéticas, destacando a técnica empregada nos poemas – não a técnica como mero artifício, mas como revelação de importantes e luminosos movimentos da subjetividade.

Ao tratar da atmosfera divina como algo silencioso, uno e simples, Tasso da Silveira ratifica importantes tratados teológicos. Na sua *Teologia mística*, Pseudo-Dionísio, o Areopagita (2021, p. 37), compreende a transcendência à divindade justamente como um movimento de desapareço da multiplicidade terrena, inclusive da própria palavra, que cede lugar ao silêncio:

Quanto mais olhamos para cima, mais os discursos se contraem pela contemplação das coisas inteligíveis; assim, também, agora, ao penetrarmos na treva superior ao intelecto, já não encontramos discursos breves, mas uma total ausência de palavras e de pensamentos. Ao contrário, seguindo de cima para baixo, o discurso se amplia na proporção da descida; agora, todavia, elevando-se

de baixo para cima, contrai-se na proporção da subida, tornando-se profundamente mudo, para unir-se totalmente ao inefável.

O sofrimento, que para o poeta é decorrente da dinâmica do mundo, traz a intuição da natureza genésica do ser e o desejo de reintegração à sua fonte. Dentre os cinco poemas publicados por Cecília Meireles (1980, p. 3), na primeira edição da revista *Festa*, assim se apresenta o terceiro:

*Terra de cactos duros,
Terra de fogos bárbaros,
Tu, sim, que és minha, grande terra fatal.

Tu, sim, que és minha,
Para que eu te dê forma nova,
Para que transfigure o teu sofrimento,
Para que te faça como um céu grandioso,
Convertendo em silêncio e louvor
Tudo o que em ti era chorar!*

A intenção poética de dar “forma nova” à Terra passa pela transfiguração daquilo que nela é endurecido e bárbaro, em uma conversão do sofrimento em silêncio e louvor. A transcendência igualmente provoca um movimento vertical do mundo, em uma elevação para o silêncio, metaforizado como “céu grandioso”. Tantas outras simbologias permearam a obra de Cecília Meireles, ratificando sua tendência para a infinitude, o mistério e o absoluto; para além do cristianismo, a poeta encontrou nas filosofias orientais forte inspiração para os sentidos do ser e do sagrado, tornando-se uma das vozes mais singulares e potentes da poesia metafísica no Brasil.

Os aspectos metafísicos do Modernismo que se formou principalmente nos arredores da *Festa* ofereceram farto diálogo com a filosofia, a teologia e outras literaturas estrangeiras impregnadas do mesmo sentimento do mistério e da compreensão do ser. Tasso da Silveira dedicou parte de suas leituras a Kipling, que o empolgou pela sua propensão à beleza plástica do mundo; a Landsberg, cujas reflexões se voltam para a espiritualidade medieval; a Chesterton, que trata da necessidade humana da filosofia e/ou da religião como formas de organização da sociedade; Soloviev, que trata o caráter evangélico do ponto de vista da essencialidade humana; René Guénon, com seu combate ao individualismo; Hölderlin, com suas visões poéticas ascéticas; além de filósofos que alimentaram seu pensamento poético e sua ensaística, como Nietzsche e Heidegger, embora discordasse deles em determinadas linhas de pensamento.

Uma das principais referências a respeito da reflexão filosófica e religiosa para Tasso da Silveira foi o filósofo e teólogo russo Nikolai Berdiaev. O poeta resgatou, em alguns de seus ensaios, os estudos de Berdiaev a respeito de Dostoiévski, ancorando nele sua perspectiva de que o escritor russo apresenta, na sua obra literária, a fé na capacidade humana de elevação moral e religiosa e na liberdade como fundamento para o ascetismo. Silveira (2003, p. 71) nos diz que

A tese de Berdiaev, em síntese, é que deveremos mergulhar a nossa vida inteira, o nosso ser inteiro, no pensamento e no sentimento de Deus. Mas procurando apenas em nós, independentemente de qualquer poderosa energia exterior –, como a da tecnologia ou a da hierarquia sacerdotal –, a luz oculta que nos desvendará o mistério da eternidade.

O sentido trágico da experiência humana, como teorizado por Berdiaev, foi absorvido consideravelmente por Tasso da Silveira em sua obra poética e crítica. Tal tragicidade consiste na duplicidade da natureza humana, que está colocada “na fronteira entre dois mundos, um superior e um inferior, e ambos os mundos coabitam nele” (Berdiaev, 2021, p. 16). Na interioridade humana estaria o que o filósofo chama de natureza “transcendental”, que é onde se encontra a verdadeira fonte da liberdade e da criação. Para o filósofo (e este é o cerne de seu pensamento), a liberdade, a criação e a transcendência agem conjuntamente. Assim, a liberdade e a criação estariam fora dos esquemas de causalidade da natureza física, pois é “quando o homem se eleva acima de si mesmo” (Berdiaev, 2021, p. 18).

Para Berdiaev – que era um existencialista cristão –, a Verdade existe e deve ser conquistada através da transcendência, fora da objetivização do mundo. Estando à mercê do utilitarismo e do pensamento racional, a verdade teorizada no século XX revelaria um tempo de crise; assim, a mentira ocuparia um papel importante, já que poderia ser útil para a organização da vida, incorrendo em uma falha grave para o destino das nações. O conjunto dos poderes espirituais do homem é que poderiam conduzi-lo ao conhecimento da verdade, e é nesse ponto que a fé surge para ocupar um lugar importante. O poder criativo estaria, assim, a serviço dessa liberdade alcançada, pois “A existência primária é liberdade e ação, é poder criativo” (Berdiaev, 2021, p. 73).

O sentido da liberdade como destinação humana, a ser conquistada por via do transcendentalismo, ilumina a realização estética e o pendor filosófico de Tasso da Silveira e de seus colegas de geração. No primeiro número da *Festa*, por exemplo, Henrique Abílio (1980, p. 5) diria que o papel do artista é “desvendar aos olhos da humanidade um estágio mais alto na ascensão perene que nos leva para o infinito e para a infinita revelação”. O caráter metafísico da arte, de acordo com Abílio, está justamente na possibilidade que ela nos confere, sob o manto da criação, de transfigurar a realidade objetiva.

Como mentor do grupo *Festa*, Tasso da Silveira apregou uma nova arte moderna, fundamentada na aspiração universal, cósmica e espiritual da vida: “Uma nova concepção de arte surge precisamente no momento em que a linha evolutiva da arte tende a afastar-se da vida e estagnar-se”; assim,

O papel do artista é estar presente no momento, apreendê-lo em toda a sua plenitude e profundidade. [...] A arte moderna é um puro milagre de sensibilidade e de sinceridade e é um milagre não menor de técnica e de capacidade de transfiguração (Silveira, 1980c, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos poetas que trouxemos nesta breve cartografia da poesia metafísica do Modernismo no Brasil, principalmente na esteira de um dos maiores representantes da geração – Tasso da Silveira –, é possível condensar alguns dos aspectos marcantes do grupo: 1. há uma relação direta com o Simbolismo, considerado como movimento fundador de uma estética nacional-universal no seio da modernidade brasileira e de uma poética mística que serviria de grande inspiração para a futura geração; 2. diálogo com tradição de literatura metafísica, das suas representações mais antigas às mais recentes; 3. revalorização das formas líricas da tradição, principalmente o soneto decassílabo; 4. franco diálogo

com a filosofia e a teologia, principalmente na crítica ensaística desenvolvida pelos membros dessa geração; 5. proposição de novas reflexões acerca da arte moderna, visando mais à renovação do que à revolução; 6. reunião de ideias e de produção literária no periódico *Festa* – legítimo divulgador da mística criadora; 7. desenvolvimento de duas tendências místicas, uma mais contemplativa e outra de engajamento e combate; 8. reflexão sobre a função da poesia e do poeta, em uma metalinguagem que ratifica os apelos metafísicos do grupo.

Contrariamente a uma defesa de oposição radical ao grupo paulista, surgido em torno de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, compreendemos que o estudo da geração metafísica do Modernismo brasileiro nos leva a ampliar as dimensões do movimento, entendendo-o na sua diversidade de produção e de pensamento. O apelo universalista do grupo – raiz de sua constituição mística – disseminou vertentes importantes da arte moderna no país e encontrou ressonâncias em poetas contemporâneos que deram continuidade ao desenvolvimento de uma poesia metafísica nos contextos vindouros.

MEANINGS OF METAPHYSICS IN BRAZILIAN MODERNIST POETRY

Abstract: At the end of 1920's, several metaphysical poets emerged in Brazil, united by creative mysticism and an existential perspective of returning to the sacred. Cecília Meireles, Murilo Araújo and Jorge de Lima are the best-known names in this group, although several other poets were presents in this context, such as Murilo Araújo and Gilka Machado. The purpose of this paper is to discuss this production of metaphysical poetry in the full development of Modernism, mainly guided by the thought and poetry of Tasso da Silveira, an important promoter of the new current.

Keywords: Metaphysical poetry. Modernism. Tasso da Silveira. Creative mysticism. Sacred.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, H. A modernidade universalista da arte. In: SILVA, M. C. da (org.). *Festa: mensário de pensamento e arte. 1927-1929*. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG Comunicação: Inelivro, 1980. p. 4-5.
- ANDRADE, A. de M. Tensões entre o eu e o mundo na poesia mística de Murilo Mendes. *Estação Literária*, v. 29, p. 89-106, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/45882>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- ARAÚJO, M. *Poemas completos de Murilo Araújo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pangetti Editores, 1960.
- AREOPAGITA, P.-D. *Teologia mística*. Tradução Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.
- AZEVEDO, L. de. A poesia de Tasso da Silveira. In: SILVEIRA, T. da. *Poemas*. Seleção Ildásio Tavares. São Paulo: Academia Brasileira de Letras, Edições GRD, 2003.

- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BERDIAEV, N. *Verdade e revelação*. Tradução Bernardo Santos. Rio de Janeiro: Elai, 2021.
- HEIDEGGER, M. Que é metafísica? In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores). p. 35-51.
- LEIBNIZ, G. *Discurso de metafísica*. Tradução Gil Pinheiro. Martin Claret: São Paulo, 2009.
- MEIRELES, C. Cinco poemas de Cecília Meireles. In: SILVA, M. C. da (org.). *Festa: mensário de pensamento e arte. 1927-1929*. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG Comunicação: Inelivro, 1980. p. 3.
- MELLO, A. M. L. de (org.). *A poesia metafísica no Brasil: percursos e modulações*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense, 2009.
- MENDES, M. *Poesia liberdade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MENDES, M. *Poliedro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- REBÊLO, M. Meu encontro com o poeta. In: ARAUJO, Murilo. *Poemas completos de Murilo Aroujo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pangetti Editores, 1960. p. 5-10.
- SILVA, M. C. da. Tempo de Festa. In: SILVA, M. C. da (org.). *Festa: mensário de pensamento e arte. 1927-1929*. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG Comunicação: Inelivro, 1980. p. 11-23.
- SILVEIRA, T. da. *Diálogo com as raízes*. Salvador: Edições GRD, 1971.
- SILVEIRA, T. da. O simbolismo brasileiro. In: SILVA, M. C. da (org.). *Festa: mensário de pensamento e arte. 1927-1929*. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG Comunicação: Inelivro, 1980a. p. 8-9.
- SILVEIRA, T. da. Renovação. In: SILVA, M. C. da (org.). *Festa: mensário de pensamento e arte. 1927-1929*. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG Comunicação: Inelivro, 1980b. p. 6-8.
- SILVEIRA, T. da. A modernidade universalista da arte. In: SILVA, M. C. da (org.). *Festa: mensário de pensamento e arte. 1927-1929*. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG Comunicação: Inelivro, 1980c. p. 4-5.
- SILVEIRA, T. da. *Poemas*. Seleção Ildásio Tavares. São Paulo: Academia Brasileira de Letras, Edições GRD, 2003.
- SILVEIRA, T. da. *O sentido da tradição*. Organização Daniel Fernandes. Rio de Janeiro: Eleia, 2022.
- VICO, G. *Ciência nova*. Tradução Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2008.